

Episódios de guerra

Nota da Redacção: terminando neste ELO, com um duplo texto como que conclusivo, a série de episódios de guerra a que se propôs o associado Manuel Correia de Bastos, com a grande qualidade que todos reconhecem e que muito valorizou o nosso jornal, daqui o cumprimos, acreditando que a sua colaboração continuará a ser uma certeza para os seus leitores.

Nunca Voltarei a Mueda



Nunca
meu amor
odiei em Mueda
deram-me
demasiado iguais
amigos e inimigos
Sentados à noite
em redor do fogo
bebendo do mesmo vinho

que canto não nos uniria
onde o ladrar das armas
nos separou

Nunca
meu amor
amei em Mueda
estive sempre só
da minha alma para dentro
Ainda se ao menos
tivesse visto
alguém nascer em Mueda
mas o mais disponível que esteve
a graça divina
foi quando às vezes
ninguém morria



Queria
meu amor
levar-te a Mueda
para ouvirmos
o silêncio das armas
ao pôr-do-sol
e de manhã
à hora que a ignição da vida
acorda o Vale de Miteda
queria amar-te
meu amor

Queria amar-te
na humidade uterina da selva

que não estando ainda
deus disponível
pudéssemos ao menos
iniciar uma vida
onde tantas acabaram

Mas nunca
meu amor
nunca te amarei em Mueda
porque o amor
não germina
onde um homem
nunca viveu
e no entanto
matou

*Fotos do ex-Capitão Almeida,
último comandante da CART 3503*

Posfácio

Chamavam esgaseados aos ex-combatentes da Grande Guerra e cacimbados aos da Guerra Colonial, associando os seus traumas, no primeiro caso às bombas de gás e no segundo ao clima de África. O povo sempre soube o que os peritos e as autoridades teimaram em ignorar durante tanto tempo: alguns ex-combatentes sofrem do distúrbio psiquiátrico conhecido por PTSD, Transtorno Pós-traumático do Stress. Para eles a guerra não acaba nunca no armistício.

Confesso a pretensão literária dos textos que aqui vos mostrei, pelo que deve ser tomada em conta a intenção de transmitir sensações em vez de veicular informações, isto é, a verdade que transmito não é tanto a dos factos, como a dos sentimentos.

Disseram-nos que tínhamos de ir combater. Porque era preciso ajudar os nossos irmãos de África. Era preciso vencer o mal. Era preciso acabar com o terrorismo.

Agora, folheada a História da frente para trás, todos temos uma opinião bem fundamentada sobre o assunto, mas um milhão de portugueses com vinte e poucos anos a quem mandaram combater, aceitaram combater, porque simplesmente acreditaram que era seu dever fazê-lo, dado que não desertaram, e este Portugal com dez milhões de habitantes, fez um esforço de guerra em África nove vezes superior ao que os Estados Unidos fizeram no Vietnam, com os seus duzentos e cinquenta milhões. Manteve uma guerra por mais de uma década, em três frentes simultâneas, a meio mundo de distância, consumindo, nesse esforço de guerra, 40% do orçamento de Estado e com um relativo sucesso militar, o que só as grandes potências por vezes conseguiram.

Mas isso não se deveu nem aos estrategas, porque a guerrilha é a mais primária das guerras, nem aos políticos, porque os meios que disponibilizaram eram insuficientes e obsoletos, nem aos diplomatas que não

arranjaram soluções e tiveram uma década para o fazer. Isso deveu-se tão só a esses portugueses de vinte e poucos anos que não desertaram por terem acreditado que estava certo o que faziam.

Todos perdemos algo por lá, mesmo que a falta não se veja. De quase um milhão de portugueses que foram combater, perto de dez mil não regressaram, mais de cem mil não regressaram completamente, algo de si ficou lá, e um número ainda não determinado continua na guerra, vítimas do Transtorno Pós-traumático do Stress.

Porém alguns ganharam algo também: aprendemos que a guerra nunca se faz só pelas razões que nos dizem; aprendemos que a vida é um privilégio, não um direito garantido; aprendemos que a guerra é o sítio onde é mais difícil encontrar heróis, troca-se apenas a vida de um soldado pela vida de outro como se troca um peão num jogo de xadrez; mas sobretudo aprendemos que quem nos dão como inimigo é demasiado parecido conosco, seja branco, preto ou amarelo, e que só por mero acaso nos encontramos na guerra e não num bar a beber uns copos e a falar de futebol ou de mulheres, que é, afinal, o que todos os homens mais gostam de fazer.

Quando os governantes não põem fim às guerras, as guerras põem fim aos governantes e depois o fim da própria guerra impõe-se por si mesmo, porque nenhum fruto sobrevive muito tempo à morte da árvore. Nessa altura os soldados regressam sem honra nem dignidade e as populações ficam órfãs, abandonadas ao seu destino.

Mas vai ser preciso muito tempo para a história fazer justiça, porque a revolta das populações espoliadas dos seus bens e dos seus filhos a troco de nada, tende a culpar os últimos responsáveis, como se o dentista que extrai o dente podre fosse o culpado da falta de higiene dentária que não evitou a cárie.

E depois promove-se o silêncio, primeiro por pudor, porque ninguém gosta de dizer que matou um tipo com quem podia ter bebido uns copos, um tipo a quem também disseram que tinha de ir combater porque havia gente sua que precisava de ajuda; depois por estratégia, para que o manto silencioso do esquecimento cale o eco das guerras havidas para se permitir o alarde às guerras a haver.

Todas as guerras começam cedo demais, todas aca-

bam demasiado tarde. O tempo que duram serve apenas para medir a dimensão da imbecilidade humana.

Que estas minhas palavras sejam entendidas como um apelo para que não caia no esquecimento uma guerra que poderia ter sido evitada, ou que pelo menos poderia ter sido terminada com honra e dignidade e para que não volte a acontecer que políticos corruptos, falsos diplomatas e estrategas trogloditas, convoquem o heroísmo genuíno dos vinte e poucos anos de um jovem, para acudir à sua incompetência inoperante e à sua cobarde estupidez.

Estas palavras andavam há muito tempo comigo, algumas perderam-se com o tempo, outras nasceram em mim entretanto. As primeiras eram mais próximas da realidade, as últimas da subjectividade, mas o melhor retrato não é o que se parece mais com o modelo como nós o vemos, é o que nos mostra o que nós não tínhamos visto nele. Além disso, a minha última intenção terá sido a de ceder à tentação de agradar ao meu hipotético leitor, já que não faz sentido falar da coisa mais obscena, que é a guerra, com o intuito de provocar alguma espécie de deleite. Porém não tenho a certeza de ter sido bem sucedido, a julgar pelo prazer que senti enquanto escrevia. Só me faltava ter-me acontecido o contrário do que aconteceu à minha avó, que, segundo o meu avô, ao pretender desenhar uma flor para bordar, acabou por desenhar um par de tamancos.

Não sei qual será a maior presunção, se a de ter conseguido aquilo a que me propus ou a de ter querido desenhar um par de tamancos e ter-me saído uma flor.

A CART 3503, chegou a Mueda no Norte de Moçambique no dia 12 de Fevereiro de 1972 com 153 militares, combateu a Frelimo durante 26 meses e sofreu 58 baixas, de entre as quais 5 mortos, 1 desaparecido e 52 feridos, 16 dos quais muito graves, na maioria com deficiências permanentes.



**Última formatura da CART 3503
antes de abandonar Mueda**

*Foto do ex-alferes Silvestre, e o
verdadeiro comandante da CART 3503*



**Mueda –
Hospital
e morgue –**
*Foto do
ex-capitão
Almeida, último
comandante
da CART 3503*